

Era uma vez: relato de uma exposição dedicada ao público infantil

Once upon a time: report of an exhibition dedicated to children

Cassius Andre Prietto Souza¹

Nadia Cruz Senna²

“Era uma vez” consistiu em uma exposição promovida pelo Projeto Arte na Escola, para o Espaço Cultural e Artístico da Laneira, administrado pelo Centro de Artes – UFPel e ocorrida em agosto de 2014. A proposta foi criar um evento de arte voltado para o público infantil a partir de uma pesquisa do mestrado em Artes Visuais na linha de processos de criação e poéticas do cotidiano. O artista foi convidado para integrar a ação trazendo seus desenhos em grande formato e sequências, que abordam narrativas míticas, lendas urbanas e a fabulação infanto-juvenil. Em torno da metamorfose de um homem em lobisomem, desenvolvemos uma narrativa aberta que dialoga com o conto do Chapeuzinho Vermelho. Entre as atividades promovemos a mediação com o artista, incluindo várias oficinas de desenho com as escolas locais e a comunidade em geral.

Palavras-chave: imaginário; contos; desenho; arte-educação.

"Once upon a time" consisted of an exhibition organized by Projeto Arte na Escola for Espaço Cultural e Artístico da Laneira, administered by the Centro de Artes - UFPel, occurred in August 2014. The proposal was to create an art event aimed to child audience, from a research master's degree in Visual Arts, in the line process of creating and everyday poetic. The artist was invited to join the action bringing his drawings, in large format and sequences, dealing mythical narratives, urban legends and childhood fable. Around the metamorphosis of a man into a werewolf, we develop an open narrative that speaks to the tale of Little Red Riding Hood. Among the activities promoted mediation with the artist, including several workshops drawing with local schools and community.

Keywords: imaginary; tales; draw; art-education.

¹ Mestrando em Processos de Criação e Poética do Cotidiano no Centro de Artes na Universidade Federal de Pelotas.

² Professora adjunta Curso de Artes Visuais, licenciatura, bacharelado e Mestrado em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas.

A proposta

Nosso envolvimento com o projeto Arte na Escola – Polo UFPel tem oportunizado ações e reflexões em torno de metodologias e processos voltados para uma formação expansiva e inclusiva. Essa concepção implica na organização de um programa de atividades que reúne alunos, professores e demais membros da comunidade escolar em atividades colaborativas e experimentais que propiciem vivências estéticas que constituam um encontro sensível com a arte. Interessa fazer uma pausa na rotina para instaurar o fazer prazeroso, recuperar memórias, valorar culturas, saberes locais e ativar a cidadania. Para a realização e efetivação da proposta, trabalhamos em parceria com diversos grupos extensionistas, pesquisadores, arte-educadores, artistas, artesãos, líderes comunitários, enfim, todos aqueles disponíveis para o encontro que queiram partilhar percepções, saberes, afetos, inquietações e proposições. Essa rede tem proporcionado conexões com universos diferenciados. Confrontamo-nos com expectativas que impõem deslocamentos que são verdadeiros chamados à aventura, como diria Campbell³. Uma dessas provocações nos impulsionou a projetar uma exposição de arte dirigida ao público infantil que fosse interativa, proporcionasse criações, fruições e mediações em torno do imaginário fantasioso dos contos populares.

Desafio lançado, passamos a traçar o projeto em conjunto com o artista, cuja pesquisa em poéticas se debruça sobre esse imaginário, e contamos com a adesão de um grupo de voluntários dispostos a atuar nas diferentes etapas. Essa riqueza de recursos humanos se contrapunha aos poucos recursos materiais, mas por outro lado, o espaço para a exposição era apropriado não só pela amplitude de dimensões como pela localização em um

³ Joseph John Campbell (1904-1987) – pesquisador de mitologias, religiões e narrativas fabulosas.

bairro de periferia da cidade. Almejávamos contagiar esse específico público, pois o espaço em fase de implantação não havia recebido a visitação esperada. Então, ao observamos junto a essas comunidades que, na maioria das vezes, as crianças são as responsáveis pela ida dos adultos a esse tipo de evento, optamos por construir um trabalho com um tema que estabelecesse uma conexão imediata e eficaz com esse público infantil. Priorizamos as crianças porque são elas que mais comparecem em nossas mostras levadas pelas escolas, “alvos” das nossas mediações. Propusemos, então, a seguinte reflexão: e se elas nos mediassem? Tal ideia reforça as trocas presentes no processo de mediação. Queríamos que as crianças nos conduzissem pela exposição, que fossem propositoras e protagonistas das ações e estratégias de multiplicar a poética da mostra.

O viés metodológico baseado no lúdico, no vínculo afetivo e na interatividade, nos moveu em direção aos contos de fadas. O mundo do faz de conta é próprio do universo infantil; seduz, estimula, ensina e sensibiliza com jogos, brinquedos e histórias que reinventam mitos fundadores, mesclando realidade e fantasia para construir sentidos. Antes de sermos *Homo faber* ou *economicus*, (Huizinga, 1980) somos *Homo ludens* e *mythologicus* (Morin, 2006). Esse caráter onírico, favorecedor da invenção, foi o nosso parâmetro para o exercício de curadoria.

Dos vários cadernos do artista selecionamos alguns desenhos de seres monstruosos e mitológicos. O “monstruário sensível” engendrado alude a um tipo de monstro presente nas narrativas contemporâneas, mais complexo do que o modelo tradicional (horripilante na aparência e nas ações, o mal a ser vencido), suas criaturas carregam um toque de humor ou melancolia, seduzem e amedrontam, conjugando binômios opostos. Nessa linha, temos uma variedade de monstros concebidos pela cultura visual para o universo infantil, que são divertidos, heróicos e sedutores como: Shrek, Monstros S.A., Monster High, Noiva Cadáver, entre outros. Todos esses personagens contam com a admiração das crianças e instauram

novos modos de ver e conceber o monstruoso. Para Marina Warner (1999) eles revelam dramas e tensões que vão além das narrativas de origem porque expõem sentimentos da sociedade e da natureza humana. Segundo a autora os monstros nos contos de fadas atraem o público infantil pelo seu ar de mistério. Histórias infantis como *A Bela e a Fera* são populares pelo aspecto inusitado, a ambiguidade da criatura que em alguns momentos é um ser selvagem, mas em outros melancólico, produz uma identificação, instaura uma cumplicidade. São seus estranhos traços de humanidade mesclados com a monstruosidade que fascinam e tornam a personagem uma espécie de anti-herói. Jean Cocteau, diretor da versão cinematográfica de 1946, logo no início do filme apela para nosso olhar infantil, capacitado a reconhecer bondade na Fera.

Crianças acreditam que as mãos de uma besta humana vão fumacear quando matar uma vítima e que isto causará vergonha na Fera quando uma jovem dama for morar na sua residência. Crianças acreditam em milhares de outras coisas mais simples. Peça-lhes um pouco desta simplicidade infantil e, para nos trazer sorte permita-me falar três palavras mágicas, o “abre-te Sésamo” infantil: Era uma vez (COCTEAU, 1946).

“Era Uma Vez” investe na magia dos personagens assombrosos para provocar experiências estéticas, refletir e avaliar nossas práticas. A proposta é aberta ao encontro com o outro, busca a experiência sensível, quer encantar.

A Produção

A experiência de elaborar uma exposição que atendesse tantas prerrogativas foi um desafio desde seu início ao mesmo passo que percorrer as diferentes etapas que envolveram a produção se revelou um fazer surpreendente, prazeroso e estimulante. Para o artista, o local da exposição foi decisivo na definição do tema, que fora desenvolvido com

base em uma estória popular local, famosa nos anos 1990, sobre um lobisomem que costumava atacar as paradas de ônibus do bairro em noites de lua cheia – onde, hoje, se situa o Espaço Cultural e Artístico da Laneira (Pelotas, RS). O assunto virou notícia e inclusive fora publicado nas páginas policiais do jornal local, *Diário Popular*. Mais tarde, se descobriu que se tratava de um homem, vestido num casaco de pele, que assustava passageiros e motoristas de ônibus. Porém, a lenda já estava instaurada e daí para imaginar e criar outras histórias é só mais um passo e outro sem fim.

Lobisomens fazem parte do universo monstruoso presente nos cadernos de desenho, quadrinhos, modelagens (digitais e analógicas), animações, efeitos especiais e outras incursões operacionalizadas pelo artista. Em função da dimensão do espaço (antiga fábrica de lãs) e da disposição das vigas, a opção foi pelos desenhos sequenciais, dando a ver uma narrativa, com cada viga funcionando como a calha (espaço entre os quadrinhos, que introduz o intervalo de tempo). Foram realizadas séries de estudos anatômicos sobre a criatura, assim como sobre sua metamorfose. Buscamos referências na obra do fotógrafo e cientista inglês, Edward J. Muybridge (1830-1904), conhecido por seus dispositivos para projetar e capturar imagens em movimento (particularmente as sequências de um homem caminhando), bem como as projeções de metamorfoses comuns nos shows de bizarrices (tal qual a mulher-gorila, mulher-aranha, entre outros).

Os estudos foram elaborados sobre papel com diferentes materiais: carvão, grafite e caneta nanquim, com o intuito de avaliar possibilidades plásticas, testar proporções e selecionar as distorções fisiológicas necessárias para dar conta da metamorfose do homem em lobisomem.

Para melhor compreender o monstro foram construídas duas peças de escultura: um modelo em miniatura em argila Clay e uma cabeça de lobisomem de silicone e fibra de vidro em tamanho grande (fig. 01 e 02).



Figuras 01 e 02: Desenhos e esculturas para estudos.
Fonte: Autores, 2014.

Essas etapas auxiliaram na concepção dos desenhos que seriam ampliados com a intenção de capturar os visitantes para essa história. São os seus deslocamentos que permitem acompanhar as transformações do homem em monstro. Esse material fez parte da exposição pelo caráter didático dando a ver o processo criativo.

A execução dos desenhos diretamente nas paredes demandou um mês de trabalho. Usamos um retroprojetor para ampliar a sequência - que cobriu onze intervalos da parede (lateral interna do prédio) com as fases da metamorfose. Optamos por um formato padrão para a criatura com aproximadamente três metros de altura (fig. 03 e 04). O material para a confecção foi a tinta acrílica.



Figuras 03 e 04: Etapas da produção do monstro.
Fonte: Autores, 2014.

Os estágios da metamorfose começaram com o simples caminhar de um homem até alcançar o lobisomem uivando, segundo uma seleção de onze momentos marcantes, que acabam por estabelecer um ritmo visual. O traçado a pincel e trincha conserva o grafismo peculiar e expressivo que o artista imprime aos seus desenhos e quadrinhos.

A outra parte da exposição foi elaborada em parceria com a equipe do projeto Arte na Escola, e alunos de Artes Visuais (UFPEL). A intenção foi a de criar um cenário de floresta para o Lobisomen do Fragata e, assim, tomamos como referência o arvoredo que compõe a avenida principal do bairro. E, como uma coisa leva a outra, essas silhuetas negras e lúgubres deram o clima para um conto de terror, uma versão para um clássico da literatura infantil – Chapeuzinho Vermelho. Essa é uma linha contemporânea que investe em recriações das narrativas, sejam estas a partir do apelo para a ótica de determinados personagens; de uma abordagem que reforça o drama ou a comicidade da narrativa; de um refazer de trajetórias, inversão de papéis ou desconstrução de estereótipos; ou mesmo através da atualização do cotidiano dos clássicos infantis, assim como do acréscimo de

aspectos multidimensionais às narrativas.

A antiga Laneira se transformou em um grande livro, com suas paredes/páginas que narram contos infantis, com personagens emblemáticos que mostram outras facetas através de transformações, subversões e sutilezas. A conhecida Chapeuzinho vermelho cedeu espaço à nossa Chapeuzinho fantasma: uma capa mágica que confere poderes especiais a quem a veste (fig. 05 e 06).



Figuras 05 e 06: Produção da floresta e detalhe de Chapeuzinho.
Fonte: Autores, 2014.

A mediação

Tínhamos um livro-instalado pronto para as inúmeras leituras, um objeto de arte para ser fruído, propositivo e provocador. Encenamos uma narrativa “enviesada”⁴, aberta, que

⁴ Conceito proposto por Katia Canton (2009) em torno das narrativas contemporâneas, que subvertem linearidades, sobrepondo tempos fragmentados, deslocamentos, repetições, e, que não necessariamente resolvem as tramas propostas.

precisa da imaginação do visitante para se concretizar, onde cada um constrói sua versão ou colabora com o grupo em uma construção poética coletiva. Nosso visitante é coautor da mostra, que se potencializa com sua presença e atuação. Deixamos materiais à disposição e espaços para serem preenchidos, como bancadas e cavaletes de desenho. Estes materiais eram, ao mesmo tempo, um convite ao fazer (fig. 07) e, quando ocupados, transformavam-se em parte da mostra. Todo o espaço se converteu em abrigo para brincadeiras, acolheu conversas e narração de histórias. Transformou-se em um lugar de criar, imaginar, sensibilizar.

Durante a exposição promovemos o encontro do artista (fig. 08) com os grupos visitantes e a curiosidade natural das crianças foi aguçada por conta desse imaginário compartilhado. Elas perguntaram sobre o processo criativo do artista, como surgiram os monstros, como ele os projetou e que materiais utilizou na execução dos protótipos. Quiseram, enfim, experimentar e projetar seus próprios monstros, estabelecendo uma relação de intimidade com as personagens através do desenho.



Figuras 07 e 08: Convite para o desenho e Conversa do artista com as crianças.

Fonte: Autores, 2014.

O artista aderiu à brincadeira e propôs um jogo para criar um monstro através da narração de uma história sobre uma criatura desconhecida, e acrescentando características para as crianças projetarem a sua versão pessoal da criatura. Conforme a história era contada, eles mesmos sugeriam elementos para compor esse ser fantástico, com defeitos e qualidades. Em uma das versões infantis: “ele é grande e triste, feio, mas atrapalhado, de olhos pequenos e carinhosos”. O processo deu origem a um painel com muitos monstros, pois as crianças gostaram e repetiram muitas vezes o processo trabalhando em duplas, grupos e trocando informações. E como o papel já não oferecia o tamanho necessário, então a parede se atualizou e recebeu as colaborações (fig. 09 e 10), cumprindo a intenção inicial de que as crianças fossem participantes do projeto.

O espaço aberto para a brincadeira nos fez resgatar memórias infantis e, assim, compartilhamos com as crianças cantigas, brincadeiras e histórias que descobrimos desconhecidas delas. Numa dessas brincadeiras trabalhadas (fig. 11), fizemos uma roda na qual um dos integrantes adultos fazia o papel de um lobisomem que provava o público infantil participante. Enquanto isso ocorria, as crianças cantavam “Andemos, giremos enquanto o Seu Lobo não vem. Lobo, o que estás fazendo?”. Interagimos também com as outras cantigas “Pela estrada afora, eu vou bem sozinha levar esses doces para a vovozinha...” e “Eu sou o lobo mau. Lobo mau! Lobo mau! Eu pego as criancinhas pra fazer mingau”⁵.

⁵ Ambas as cantigas são adaptações do compositor João de Barro, o Braguinha, gravadas em 1946. Também de sua autoria é a versão “Quem tem medo do lobo mau? Lobo mau? Lobo mau?” para a animação dos estúdios Disney, 1933.



Figuras 09 e 10: Painel e desenhando na parede.

Fonte: Autores 2014.

Considerações

“Era Uma Vez” constituiu uma experiência artística, ultrapassou a condição de mera exposição, possibilitou o encontro de gerações, a interação com outras mídias e um fazer lúdico e colaborativo que ampliou a poética da mostra. Nas tardes frias do mês de agosto de 2014, os monitores receberam até o encerramento da exposição centenas de crianças com idades variadas das escolas do bairro e do município de Pelotas.

Os relatos dos professores e diretores destacaram a importância de eventos como esse, que estabelece um vínculo imediato com os visitantes, independente da idade e das condições sociais. Não houve um estranhamento e tampouco diferenças culturais demarcadas como por vezes percebemos em exposições que evidenciam a inadequação e distância de crianças e adultos nos espaços expositivos, seja por falhas na mediação, seja pela presença hierárquica da instituição expositora. Nossa atitude aberta e afetuosa tornou a experiência preciosa, transformadora para todos os envolvidos.

O artista convidado ficou empolgado com o interesse das crianças em sua produção (fig. 12), se surpreendeu com a reciprocidade que rendeu convites para comparecer nas escolas e fazer novas oficinas em torno do monstro-sensível. Esse aspecto lúdico, presente em sua poética, deve comparecer em novas pesquisas, em âmbito artístico e acadêmico.



Figura 11 e 12. Brincando e fruindo.

Fonte: Autores, 2014.

Para o grupo promotor ficou a vontade de fazer mais e melhor, investir em outras mostras e ações voltadas a formação de públicos, percebendo as implicações de nosso papel como educadores instigantes, provocadores de encontros com a arte e a cultura. E, sobretudo, ressaltamos a posição aliada das crianças, que acolheram o projeto em plenitude. As imagens aqui disponibilizadas dão uma ideia da recepção, da conexão estabelecida e das respostas inventivas decorrentes da experiência estética.

Referências:

A Bela e a Fera. Direção: Jean Cocteau, 1946. Continental, DVD (93 min).

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte.** 8ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva. 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de Fadas**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANTON, Katia. **Narrativas Enviesadas**. São Paulo:WMF Martins Fontes, 2009.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **A montanha e o videogame: escritos sobre educação**. Campinas, SP: Papiros, 2010.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MARTINS, Mirian; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

PERRAULT, Charles. **Contos e Fábulas**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

WARNER, Marina. **Da Fera à Loira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.